



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 26/06/2020 a 02/07/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
26/06/2020	8,65	282,10	27,20	4,74	3,17
29/06/2020	8,66	280,50	27,62	4,85	3,26
30/06/2020	8,84	286,30	27,98	4,90	3,38
01/07/2020	8,93	292,70	28,21	4,98	3,48
02/07/2020	8,92	293,50	27,96	4,90	3,42
Média	8,80	287,02	27,79	4,87	3,34

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	103,50	
RS – Não Me Toque	102,50	
RS – Londrina	98,50	
PR – Cascavel	100,50	
MT – Rondonópolis	110,00	CIF
MS – Maracaju	104,00	
GO - Rio Verde	93,00	
BA – L.E.Magalhães	100,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	52,50	CIF
Porto de Paranaguá	49,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	42,00	
SC – Rio do Sul	43,00	
PR – Cascavel	42,00	
PR – Londrina	40,50	
MT – Rondonópolis	35,00	
MS – Maracaju	37,00	
SP – Itapetininga	49,00	
SP – Campinas	52,00	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	39,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	55,00	
RS – Não Me Toque	54,00	
PR – Londrina	58,00	
PR – Cascavel	58,00	

Período: 01/07/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/07/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	43,60	103,10	53,86

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/07/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	61,96
Feijão (saco 60 Kg)	200,88
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,13
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,48**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,26

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja registraram um importante aumento nesta semana, especialmente após o anúncio dos relatórios de plantio e de estoques trimestrais feito pelo USDA no dia 30/06. Assim, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (02/07) em US\$ 8,92/bushel, contra US\$ 8,69 uma semana antes. O fechamento deste dia 02 de julho não era visto desde o início de março, portanto, há quatro meses. A média de junho ficou em US\$ 8,67/bushel, contra US\$ 8,42 em maio.

Dois motivos estiveram puxando as cotações: a previsão de clima seco nos próximos 14 dias no Meio Oeste dos EUA, dentro da natural especulação climática que sempre ocorre nesta época do ano por lá; e o fato de que o relatório de plantio, anunciado pelo USDA, mesmo indicando um aumento de 10% na área semeada com soja nos EUA, não agradou o mercado pois o mesmo esperava uma área maior.

Efetivamente, o relatório de plantio indicou uma área semeada com soja em 33,9 milhões de hectares. Em produtividade normal, tal área poderá resultar em uma safra final entre 115 e 118 milhões de toneladas no país norte-americano, recompondo bem a frustrada safra passada, a qual foi um pouco superior a 96 milhões de toneladas. Ou seja, em clima normal, os EUA poderão colher algo em torno de 20 milhões de toneladas a mais do que no ano anterior. Tal situação deverá levar Chicago a um recuo nas semanas futuras caso o clima nos EUA venha a ser normal.

Quanto ao relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de junho, o mesmo indicou um recuo de 22% sobre o volume existente um ano antes. Tal volume ficou em 37,8 milhões de toneladas, enquanto o mercado esperava um número um pouco menor, ao redor de 37,6 milhões.

Em paralelo, as condições das lavouras de soja dos EUA melhoraram, sendo que no dia 28/06 as mesmas atingiam a 71% entre boas a excelentes (70% na semana anterior), enquanto 24% estavam regulares e 5% entre ruins a muito ruins. O plantio nos EUA está encerrado, com 95% da área com soja já emergida e 14% em floração, ou seja, em estágio bem mais avançado do que a média histórica.

Quanto aos embarques de soja por parte dos EUA, o volume atingiu a 324.512 toneladas na semana anterior, acumulando 36,8 milhões de toneladas no atual ano comercial. Apenas 0,8% a menos do que o registrado em igual momento do ano anterior.

Neste contexto, embora Chicago deva continuar oscilando bastante em torno das especulações climáticas nos EUA, podendo sim romper o teto dos US\$ 9,00/bushel, a tendência é de cotações voltando para níveis entre US\$ 8,00 e US\$ 8,50/bushel caso a colheita estadunidense venha normal. Por enquanto, todos os indicadores estatísticos e de evolução da safra apontam para isso. Lembrando que, até a colheita no final de setembro, muita coisa pode acontecer.

Aqui no Brasil, diante de cotações em Chicago em elevação, um câmbio que se mantém entre R\$ 5,30 e R\$ 5,50 por dólar, e prêmios nos portos acima de US\$ 1,00/bushel, os preços da soja subiram novamente.

O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 103,10/saco, enquanto nas demais praças os preços da oleaginosa, na média, assim ficaram: R\$ 98,50 e R\$ 100,50/saco no Paraná; R\$ 110,00 no CIF em Rondonópolis (MT); R\$ 104,00 em Maracaju (MS); R\$ 98,00 em Rio Verde (GO) e R\$ 100,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Por outro lado, segundo a Abiove, a safra brasileira em 2020 teria alcançado 125 milhões de toneladas. Somando a estas o total de estoques iniciais no ano, há soja suficiente para atender a demanda nacional pelo produto, segundo ainda a Associação.

A entidade reviu para cima as exportações do grão de soja, apontando agora 79,5 milhões de toneladas, enquanto em farelo de soja o país exportaria 16,5 milhões. Em óleo de soja o volume exportado chegaria a um milhão de toneladas. O Brasil já teria embarcado 63,8 milhões de toneladas de soja no primeiro semestre do corrente ano, superando em 43,7% o volume praticado em igual período do ano passado. Somente em junho, segundo a Secex, o país exportou 13,75 milhões de toneladas de soja, ou seja, 60,8% acima do registrado no mesmo mês de 2019. E tudo isso graças especialmente à China, que continua comprando muita soja no Brasil enquanto os constantes atritos políticos e comerciais com os EUA continuam, além do câmbio favorável. Para julho, já há programação de embarque de 7 milhões de toneladas.

Por sua vez, entre farelo e óleo de soja o Brasil já teria exportado 61% da produção, contra 46% no mesmo período do ano passado, indicando que os subprodutos da soja igualmente estão tendo demanda externa firme. Ao mesmo tempo, o consumo nacional de farelo de soja ficaria em 16,7 milhões de toneladas, com um recuo de 3,2% na comparação com 2019.

O esmagamento de soja no Brasil deverá atingir a 44,5 milhões de toneladas em 2020, superando em 2,4% o volume do ano anterior.

No conjunto do “complexo soja” o Brasil deverá exportar, em 2020, um total de US\$ 32,6 bilhões, ficando muito próximo do ano anterior devido aos preços internacionais estarem, em média, um pouco mais baixos.

Diante de todo este quadro, a Abiove estima que o estoque final de soja no final de 2020, deva ficar em 669.000 toneladas, contra 1,67 milhão na previsão anterior e 3,3 milhões no final de 2019. Em se confirmando este volume, o mesmo será o menor da história no Brasil, ajudando a dar sustentação aos preços até a nova safra.

Outro cenário positivo para a soja é que a demanda de óleo voltou a crescer, graças ao aumento na produção de biodiesel em função da retomada, mesmo que parcial, da economia nacional no contexto da pandemia do Covid-19.

Em síntese, a conjuntura está favorável aos preços da soja no momento. O desenvolvimento da safra nos EUA, até sua colheita, e do câmbio no Brasil ditarão o percurso destes preços até o final do ano. Em condições normais, a tendência é de as duas variáveis cederem um pouco no segundo semestre, afetando para baixo os preços da soja. Isso reforça ainda mais a estratégia correta dos produtores de avançarem nas vendas futuras atualmente, visando garantir um preço excelente no final da colheita do próximo ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram igualmente nesta semana. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (02/07) em US\$ 3,42, após ter chegado a US\$ 3,48 na véspera, contra US\$ 3,17 uma semana antes. Este preço do início de julho é o mais elevado desde o final de março passado. Por outro lado, a média de junho ficou em US\$ 3,27/bushel, contra US\$ 3,18 em maio.

A reação das cotações do milho se deveu ao relatório de plantio nos EUA, anunciado no dia 30/06. O mesmo apontou uma área em elevação de apenas 3% sobre o ano anterior, frustrando o mercado. A referida área seria de 37,2 milhões de hectares. Em safra normal, diante de tal área, a produção total estadunidense poderá chegar entre 370 e 400 milhões de toneladas, superando largamente a última colheita, porém, ficando abaixo das primeiras projeções, as quais chegam a apontar um volume final de 406 milhões de toneladas.

Além disso, o relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de junho, aumentaram apenas 1% em relação a 2019, atingindo a 132,6 milhões de toneladas, ficando dentro do patamar esperado pelo mercado.

No curto prazo, nem mesmo a melhoria nas condições das lavouras de milho estadunidenses evitou o aumento nas cotações diante dos números dos relatórios. De fato, as lavouras entre boas a excelentes subiram para 73% do total nos EUA, contra 22% regulares e 5% entre ruins a muito ruins. Cerca de 4% das lavouras estão em fase de embonecamento, ficando abaixo dos 7% da média histórica.

Neste sentido, conjunturalmente passou a preocupar o mercado a possibilidade de clima seco nas próximas duas semanas na região produtora dos EUA.

Já em termos de exportações, na semana encerrada em 25/06, os EUA embarcaram 1,23 milhão de toneladas, ficando dentro das projeções do mercado. Em todo o atual ano comercial aquele país exportou 33,2 milhões de toneladas até o momento, representando 20% do que no mesmo período do ano anterior.

Ou seja, os fatores fundamentais de longo prazo, em clima normal nos EUA, são igualmente baixistas para o milho.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram estáveis, porém, com pressão de forte baixa nas regiões de colheita da safrinha, exceção feita a São Paulo onde há frustração de safra. Assim, no Rio Grande do Sul a média no balcão ficou em R\$ 43,60/saco, enquanto no Paraná a mesma atingiu entre R\$ 40,00 e R\$ 42,00/saco; na região central de Santa Catarina R\$ 43,00; em Rondonópolis (MT) R\$ 35,00; em Maracaju (MS) R\$ 37,00; em Campinas o CIF passou a R\$ 52,00, enquanto em Itapetininga (SP) o valor ficou em R\$ 49,00/saco. Por fim, em Goiás o saco de milho ficou em R\$ 39,00.

Em termos de colheita da safrinha, até o dia 26/06 o Mato Grosso atingia a 32% de sua área, contra a média histórica de 40%, enquanto no Paraná as chuvas frearam o processo de corte, ficando aquele Estado com 9% no início de julho, Goiás chegava a 8%.

O que tem dado certa sustentação aos preços do milho, nesta fase de colheita da safrinha, é o câmbio, o qual favorece as exportações. Mesmo assim, enquanto a safrinha estiver sendo colhida a tendência é de os preços cederem. O tamanho do recuo irá depender do ritmo das exportações, o qual depende muito do câmbio.

De forma geral, o Centro-Sul brasileiro havia colhido 18% de sua área até o dia 26/06 (cf. Datagro). Mas a colheita está atrasada em relação ao ano passado, quando nesta época já havia 32% da área colhida. Este atraso era esperado devido ao retardamento do plantio da safrinha em função de problemas climáticos. A média histórica de colheita para o final de junho é de 14%.

A expectativa continua sendo de uma colheita da safrinha ao redor de 71,6 milhões de toneladas, fato que elevaria o total nacional colhido em 2020 para 108 milhões.

Na BM&F os contratos de milho para julho/20 estiveram cotados a R\$ 49,05/saco neste início de julho, enquanto setembro ficou em R\$ 46,90, novembro em R\$ 49,26 e janeiro/21 em R\$ 50,20/saco.

Por outro lado, segundo a Secex, em 21 dias úteis de junho o Brasil exportou 348.130 toneladas de milho, deixando a média diária menor em 73,6% em relação a 2019. O preço da tonelada do cereal atingiu a US\$ 165,70 neste período de junho. Espera-se que, diante da entrada da safrinha e a melhoria do câmbio, as exportações cresçam significativamente a partir deste mês de julho. Mesmo assim, boa parte do mercado começa a considerar difícil o país alcançar 34 milhões de toneladas no final do ano comercial 2020/21, que se encerra em 31 de janeiro próximo. O volume considerado factível neste momento gira entre 28 e 30 milhões de toneladas.

No geral, apesar do recuo dos preços nas regiões produtoras da safrinha, os mesmos ainda estão largamente superiores aos praticados nesta época do ano passado. No caso do balcão gaúcho, por exemplo, a média atual é 37,2% superior ao preço médio do início de julho de 2019.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago igualmente subiram nesta semana, sendo que o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (02/07) em US\$ 4,90/bushel, chegando a bater em US\$ 4,98 na véspera, contra US\$ 4,86 uma semana antes. A cotação do cereal, inclusive, no dia 26/06 havia recuado para US\$ 4,74/bushel, seu nível mais baixo desde a segunda semana de setembro de 2019.

O motivo desta recuperação também foi os relatórios de plantio e de estoques trimestrais anunciados em 30/06. No primeiro caso, a área semeada com trigo recuou 2%, ficando em 17,9 milhões de hectares. Seria a área mais baixa desde 1919. Já em relação aos estoques trimestrais, posição em 1º de junho, o relatório mostrou um recuo de 3%. Com isso, tais estoques ficam em 28,3 milhões de toneladas, contra a média de 26,6 milhões esperadas pelo mercado.

Por outro lado, a colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 28/06, atingia a 41% da área semeada, ficando exatamente dentro da média histórica. Já as condições das lavouras que faltavam colher chegavam a 52% entre boas a excelentes; 31% regulares e 17% entre ruins a muito ruins. Enquanto isso, o trigo de primavera estava com 75% das lavouras entre boas a excelentes, 21% regulares e 4% entre ruins a muito ruins.

Em paralelo, analistas russos estimam uma colheita de trigo ainda maior na Rússia para 2020/21, apontando um volume de 82,7 milhões de toneladas. Em se confirmando este número a safra russa será 11% maior do que a do ano anterior, que teria sido de 74,5 milhões de toneladas.

Dito isso, a colheita está atrasada, com apenas 597.000 hectares colhidos até o final de junho, contra 1,2 milhão em igual momento do ano anterior. Por enquanto, a produtividade média não está boa, ficando em 2.400 quilos/hectare, contra 4.400 quilos na média histórica. Como se nota, a previsão do setor privado russo é bem maior do que o Ministério da Agricultura local vem apontando, que é de 75 milhões de toneladas, enquanto o USDA dos EUA fala em 77 milhões de toneladas a serem produzidas na Rússia neste ano.

Por sua vez, os EUA embarcaram, na semana anterior, um total de 515.359 toneladas de trigo, ficando o volume dentro do esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, o volume alcança 2 milhões de toneladas, ou seja, 0,9% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

No Brasil, os preços do trigo se mantêm firmes, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 53,86/saco. No Paraná os preços ficaram em R\$ 58,00/saco, enquanto na região catarinense de Palma Sola o valor do saco de trigo fechou em R\$ 56,00/saco.

A semeadura do trigo no Paraná, estando praticamente encerrada, leva o mercado a acompanhar com mais detalhes o clima nas regiões produtoras. O grande volume de chuva desta semana, devido ao chamado ciclone-bomba, trouxe prejuízos a algumas lavouras do Estado, porém, ainda difíceis de serem contabilizados até o momento. Até então, 88% das lavouras estavam em boas condições naquele Estado. O Paraná espera colher 3,67 milhões de toneladas de trigo, em uma área semeada que cresceu 16,4% passando a 1,13 milhão de hectares, segundo últimas projeções do Deral.

Já no Rio Grande do Sul, o plantio teria chegado a mais de 80% da área, porém, sofreu interrupção com as fortes e constantes chuvas desta semana. As mesmas, inclusive, causaram estragos em muitas áreas semeadas devido a erosão, granizo e inundações localizadas.

Em termos de mercado, os preços se mantêm firmes porque não há praticamente oferta interna de produto de qualidade, enquanto as importações continuam caras devido a desvalorização do Real. Este quadro deve se manter até a entrada da nova safra em setembro. A partir daí, em o clima permitindo, a oferta interna será importante, devendo derrubar os preços, mesmo com as importações se mantendo caras. Somente o Paraná deverá ter um aumento na oferta de trigo, neste ano, de 72% em relação a frustrada safra passada. Os paranaenses estão esperando uma produtividade média de 3.250 quilos/hectare, ou seja, 54,2 sacos/hectare.

Neste contexto, e considerando que o Rio Grande do Sul aumentou sua área de trigo em 20%, o volume final no Brasil, em clima normal, poderá chegar acima de 6 milhões de toneladas. Todavia, é preciso esperar ainda muito, pois o clima no sul do país, e especialmente no Estado gaúcho, seguidamente provoca frustrações importantes na safra de inverno local.